



3632 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)  
GT02/GT 17 - História da Educação e Filosofia da Educação

**DEBATE SOBRE A INFÂNCIA NO PARÁ: AS NOTÍCIAS DA FOLHA DO NORTE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA (1900 ? 1902)**  
Carmeci dos Reis Viana - UFPA - Universidade Federal do Pará  
Maria Natalina Mendes Freitas - UFPA - Universidade Federal do Pará  
Laura Maria Silva Araújo Alves - UFPA - Universidade Federal do Pará

É sabido que a história da infância vem ganhando visibilidade. Contudo, Del Priore (2000) aponta que “a história da criança fez-se à sombra daquela dos adultos”. Diante de tal afirmativa surge a inquietação em conhecer os contextos de construção da história da infância no Pará, pois muito do que temos hoje, são resquícios de uma prática cultural, de que a violência corrobora com a formação do caráter do indivíduo. E que, portanto, a violência perpassa gerações e se materializa ainda hoje no contexto educacional da criança. Neste estudo nos debruçamos sobre a violência contra criança no contexto histórico da cidade de Belém nos anos de 1900 a 1902. É pesquisa documental e analisamos notícias de jornal sobre o tema no periódico A Folha do Norte, um dos principais periódicos de Belém a época. A questão norteadora é: Qual o principal tipo de violência veiculado pelo Jornal a Folha do Norte no período de 1900 a 1902? Com vistas a promover o debate acerca da história da infância, analisamos as peças encontradas sob a ótica do discurso de Mikhail Bakhtin. Os resultados apontam um alto índice de violência contra criança, sobretudo meninas, que sofriam abusos físicos, psicológicos e sociais e que a construção social da infância esta embebida da violência familiar e social.

**DEBATE SOBRE A INFÂNCIA NO PARÁ: AS NOTÍCIAS DA FOLHA DO NORTE SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA (1900 – 1902)**

#### **RESUMO**

É sabido que a história da infância vem ganhando visibilidade. Contudo, Del Priore (2000) aponta que “a história da criança fez-se à sombra daquela dos adultos”. Diante de tal afirmativa surge a inquietação em conhecer os contextos de construção da história da infância no Pará, pois muito do que temos hoje, são resquícios de uma prática cultural, de que a violência corrobora com a formação do caráter do indivíduo. E que, portanto, a violência perpassa gerações e se materializa ainda hoje no contexto educacional da criança. Neste estudo nos debruçamos sobre a violência contra criança no contexto histórico da cidade de Belém nos anos de 1900 a 1902. É pesquisa documental e analisamos notícias de jornal sobre o tema no periódico A Folha do Norte, um dos principais periódicos de Belém a época. A questão norteadora é: Qual o principal tipo de violência veiculado pelo Jornal a Folha do Norte no período de 1900 a 1902? Com vistas a promover o debate acerca da história da infância, analisamos as peças encontradas sob a ótica do discurso de Mikhail Bakhtin. Os resultados apontam um alto índice de violência contra criança, sobretudo meninas, que sofriam abusos físicos, psicológicos e sociais e que a construção social da infância esta embebida da violência familiar e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal A Folha do Norte. História da Infância no Pará. Educação. Violência Contra Criança.

## INTRODUÇÃO

O Anuário Estatístico de Belém (1999), aponta a capital do Estado do Pará sendo a maior da Região Norte do Brasil e maior cidade na linha do Equador, possui em sua territorialidade Metropolitana, uma área de 51.569,36 ha, sendo que, 17.317,24 ha refere-se à porção continental e uma porção insular de 34.250,12 que compreende 42 ilhas. Neste cenário desenha-se uma complexa biodiversidade onde, a exuberância de sua vasta mata e de seus caudalosos rios, da heterogeneidade de suas populações precisam ser compreendidas e assumidas como referencial para compreender as circunstâncias do viver de crianças que encontravam-se bem afastadas dos discursos, que tentaram idealizar a imagem da criança no final do século XIX e início do século XX.

Dentre os estudiosos da infância muitos há que apontam as concepções construídas historicamente sobre a infância como sendo na perspectiva adultocêntrica como é o caso de Sarmento 2007, Del Priore (2000), Freitas (2016).

É um campo de estudos ainda recente e caminham no contexto da construção social e cultural acerca da temática da infância alavancados especialmente pelos estudos do historiador Phillipe Ariès (2006).

O estudo de Ariès deu-nos pistas para formas diferenciadas de se conceber as crianças e suas infâncias no espaço geográfico do mundo europeu, chegando até nós pelo olhar do colonizador.

A criação da infância brasileira é permeada pela crueza de homens torpes e violentos que submetem e subjagam o outro, o mais fraco, (e a criança em sua constituição física apresenta as características de dependência, de fragilidade), em detrimento de seus desejos e prazeres.

Chauí (2017) declara que a violência não possui apenas dimensão física, mas também psíquica e simbólica sugerindo que a ação violenta desnaturaliza aquilo que é próprio do ser humano e desta forma o coage, o constrange e brutaliza violando sua natureza.

Neste contexto é possível compreender, por meio de estudos realizados sobre a constituição da infância no Pará, que a criança sofrera de diversas formas de violência, desde a violação maternal, haja vista o intenso processo de industrialização da cidade o que obrigava as famílias a deixarem seus filhos muito cedo, a exploração da mão de obra infantil e sua incapacidade de decisão em face a realidade vivida pelas numerosas famílias, onde as crianças passavam a ser provedoras auxiliares de suas famílias.

Sob esta questão o A Folha do Norte apresenta inúmeras matérias nas quais, em função do trabalho, as crianças eram vitimadas pela violência intrafamiliar e pelos perigos e assédios aos quais eram expostos nas ruas da cidade.

Havia na capital, no período indicado, uma vigilância massiva no sentido de garantir a ordem e a segurança das ruas, muito em função da imagem que se prezava por apresentar aos investidores econômicos da capital. E isso fazia com que muitas crianças, tendo a rua como o espaço de brincar fossem presas por "praças" por estarem a apedrejar mangueiras ou acorrer sem destino em muitos destes casos havia a agressão física, como é possível ver na notícia abaixo:

Vae já ahi a notícia de um espancamento feito por praças na Doca do Ver-O-Peso. Temos a registrar agora outro, relativamente a uns menores que foram presos hontem, ás 10 horas da manhã, no largo de S. João. [...]. Foram chamar a polícia e lá veiu uma patrulha que deteve os menores, levando-os a pranchadas para a estação de segurança. O menor Vasco ficou com a cabeça quebrada (FOLHA DO NORTE, Abril de 1900).

Neste sentido coadunamos com Chauí (2017) quando esta assegura que violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e caracteriza relações sociais definidas pela opressão e intimidação (CHAUI, p. 36, 2017), dado o estado ocupado pelos agentes em detrimento ao lugar ocupado pelas crianças e a condição a elas imposta, pois numa sociedade que estava em mudança a criança era alvo de recorrentes intervenções, pois se via a criança como um cidadão promissor para a sociedade se este ocupava os padrões estabelecidos pelas instituições sociais que regiam suas vidas e condutas.

Não raras eram as intervenções institucionais no sentido de corrigir a conduta das crianças, sobretudo as das camadas pobres, e fazê-las regenerar pelo trabalho. Característica assumida pelas instituições de acolhimento para as quais as crianças eram encaminhadas no intuito de serem educadas para o trabalho.

Chauí (2017) declara ainda que violência é oposta a ética uma vez que trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem, como se fossem coisas, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. E isso se agrava quando se trata da infância, pois está historicamente é vista e pensada pelo outro e sua história é pensada e idealizada pelo outro.

Entre as representações construídas pela modernidade para explicar os vários fenômenos sociais e culturais do mundo, destaca-se a imagem da criança e infância. É preciso deter-se nelas para entender as concepções que foram delineando-se em cada país e sobre as quais girou a formação da criança, embora se considere as particularidades, refletem o caráter do trânsito e a novidade que caracterizou a época.

O corpus da pesquisa sustenta-se na leitura das notícias do Jornal A Folha do Norte, tendo como recorte temporal o período de 1900 a 1902, levantados no Arquivo Público de Belém e na Biblioteca Pública Artur Viana, de onde foram retirados fragmentos de reportagens que noticiavam alguma forma de violência contra a criança.

## I – A INFÂNCIA EM BELÉM DO PARÁ

É sabido que a história da Infância no Pará e no Brasil tem fortes ligações com o ideário desenvolvimentista da república nacional. E foi neste contexto que a infância passou então a ser vista com mais cuidado, pois passaria a representar o "futuro da nação" (DEL PRIORE, 1999).

Os serviços públicos de saúde na capital paraense se esboçaram com a Proclamação da República. Quando, em 1891, é criada uma nova organização dos serviços de higiene composta por médicos, inspetores e químicos, serviço que seria ampliado com o governo de Lauro Sodré, em 1886. Tais questões ganham visibilidade com o passar dos anos, os serviços de saúde são ampliados no governo de Paes de Carvalho e, posteriormente, no de Magalhães Barata, quando os portos da cidade são monitorados por inspetores e médicos, cuja finalidade era a prevenção da

peste bubônica, principal mal que ceifava vidas à época (MIRANDA, 2010, p. 3).

De acordo com Miranda (2010), o início do século XX tem marcante participação do Estado no que se refere à saúde pública, concernente à criação, ampliação e aparelhamento dos serviços de saúde, do mesmo modo que o meio científico buscava consolidar-se como classe e organização social. Neste contexto, há uma série de mudanças e transformações vividas pelo campo médico no Estado, tais quais a criação da sociedade médico farmacêutica do Pará, 1897 e, posteriormente, a sociedade de Medicina e Cirurgia do Pará, 1900. Além disso, a autora cita a reforma da Santa Casa de misericórdia bem como a ampliação do quadro médico no Estado em anos posteriores, e também a criação de clínicas e laboratórios de análises que corroborariam com os avanços das pesquisas sobre as doenças e epidemias que ceifavam muitas vidas na capital e no Estado.

No cenário econômico, a Amazônia, com a borracha, ocupava patamar de destaque na economia nacional por atrair expressiva quantidade de investidores. A preocupação com o saneamento da cidade passa a ser alvo da atenção dos governantes do país que, a partir de então, se dedicam a pensar medidas capazes de influenciar e remodelar os modos de vida da sociedade para que a economia não fosse prejudicada. Atentava-se para que os investimentos continuassem e o comércio exterior não fosse abalado. Havia necessidade de sanear os portos das grandes cidades, e Belém estava entre essas cidades que precisava passar por tal transformação, pois seus portos estavam diretamente ligados às exportações com Estados Unidos e a Europa.

Nesta mesma perspectiva, Guimaraes (2016) contribui com esta análise ao pontuar, em sua tese de doutorado, o momento vivido pela capital paraense com a efervescência do ciclo da borracha, momento de grande repercussão socioeconômica para o Brasil, em especial para a Amazônia. Assinala que as contradições sociais de uma sociedade, que se inseria no sistema capitalista, começavam a se avolumar e que miséria, prostituição e outras mazelas sociais se faziam comuns no cenário de modernização da capital paraense, reflexo do que ocorria nas principais capitais do país, pois as condições sanitárias do Brasil nas primeiras décadas do século XX eram precárias – fato que leva ao surgimento de um movimento de reforma da saúde pública, movimento determinante para a construção de forte ideologia de nacionalidade para a formação do Estado brasileiro.

O que se tinha antes das investidas sanitárias é o que se pode perceber na citação seguinte:

[...] o retrato do Brasil era pintado com pinceladas fortes e mostrava um povo doente e analfabeto, abandonado pelo Estado e entregue à própria sorte. Para eles, era urgente integrar essas populações nos marcos da nacionalidade e da cidadania, conferindo-lhes condições para a melhoria da própria vida [...] (PONTE 2007, p. 76).

Na intenção de erradicar as epidemias e endemias que manchavam a constituição de nação forte e produtiva, os agentes governamentais, aliados a investidores cujo interesse se concentrava no desenvolvimento econômico e político do Estado, passam a investir nas ligas saneadoras para que a capital paraense acompanhasse o desenvolvimento das capitais do Brasil. Imbuídos por sentimento renovador, campanhas de limpeza e saneamento foram largamente difundidas na capital paraense com a intenção de “limpar” os centros da cidade. Campanhas estas que ganham maior visibilidade a partir do ano de 1913.

No contexto de adoecimento social, em virtude das constantes epidemias da cidade, a mortalidade se insere no contexto com frequência e certo pesar, não pela dor da perda, mas pelo perigo representado ao progresso social, pois o recorrente abandono de crianças em portas de casa e vias públicas podiam afetar diretamente o anseio da constituição de uma nação forte e salubre. Por isso, medidas de higiene e educação foram largamente difundidas em todo contexto citadino, pois a clara necessidade de mudança implicava urgência na tomada de medidas que pudessem sanar e/ou amenizar o quadro de mortalidade, pois o adoecimento por epidemias e endemias atrasavam o progresso, sobretudo pela imagem difundida em contextos externos e que amedrontavam os possíveis investidores, ameaçando o comércio exterior.

A morte de crianças, bem como a violência sofrida por estas, foi por longo período tida com pouco ou nenhum sentimento de pesar. Isso se deve pelas características de destituição de sentimento afetivo desenvolvido ao longo da história pelas crianças, pois até o século XVI as crianças eram vistas como minis adultos (ARIES 1981).

## 1 NOTÍCIAS DA “FOLHA” E A VIOLÊNCIA CONTRA ACRIANÇA

A infância no Brasil e no Pará ganha destaques e atenção com a noção de investimentos para a formação de uma nação forte e produtiva – livre de doenças, da pobreza e dos maus hábitos (delinquências). No raiar da república os esforços por manter um padrão socialmente higienizado e culturalmente livre das amarras do passado pareciam estar fadados ao fracasso em face de uma política que não privilegiava a educação – pública e de qualidade, com acesso a todos – (Rizzini, 2011 p. 142).

A arena política dominada por uma elite letrada, de formação predominantemente jurídica via diante de si uma situação paradoxal como descreve Rizzini (2011), pois era necessário educar as camadas pobres da população e ainda assim manter os privilégios da elite. Desta forma, destina-se um grupo social para a formação/ instrução/ capacitação para o trabalho e o mantém sob vigilância e controle.

Neste contexto, as bases familiares, egressas das regiões do campo passam a encher as cidades, e, as crianças que antes eram alvo constante de seus cuidados e atenção, são então inseridas no contexto do trabalho e a partir de então sujeitas aos mesmos riscos que os adultos, tanto que em sua dissertação de mestrado o Prof. Dr. Welington Pinheiro<sup>[1]</sup> destaca uma infinidade de acidentes sofridos pelas crianças em seu contexto de trabalho, que em geral se dava sob a forma de exploração – sim, pois a criança era tida como mão de obra barata e sujeita aquilo que os adultos, muitas vezes não podiam fazer em virtude de seus tamanhos –.

Certamente não interessava à elite que a população atingisse consciência de seus direitos, o que no mínimo, dificultaria muito o exercício violento e arbitrário de controle sobre a maioria. Quando se afirmava que na criança estava o futuro da nação, entende-se que era mais importante “moldar” para manter a massa populacional arregimentada como nos velhos tempos, embora sob novos moldes, imposto pela demanda de produção industrial do capitalista (RIZZINI, p. 144, 2011).

A assertiva nos permite compreender que a intenção não era tirar a massa da ignorância, mas educa-las no sentido de tirar da ociosidade, da criminalidade que poderia vir manchar o projeto de modernização na nação.

Nessa perspectiva inúmeras casas de “*correção de menores*” foram ganhando vida – onde os “*menores*” eram recorrentemente recolhidos das ruas e postos nos asilos/ instituições para serem educadas para o trabalho e consequentemente resolver o problema da infância abandonada.

Em um outro fragmento Rizzini (2011) traz o relato de Rodrigues Alves enfatizando a necessidade de sanear a cidade.

*“clara percepção de que numa cidade moderna e saneada era preciso também uma população expurgada de seus piores elementos (...) era urgente e indispensável reprimir a vagabundagem, o vício e o crime com a criação de colônias correccionais, preservando ao mesmo tempo, a mocidade que para aquela se dirigia, por meio d’uma educação em instituições apropriadas”* (Vaz, 1905: 89. Apud Rizzini, 1995: 248).

Tudo isso são reflexos da violência sofrida pelas crianças do Brasil e do Pará sob qual suas infâncias se materializaram.

Não obstante o contexto de repressão e segregação sofridos pelas crianças há também o cunho de violação dos direitos e o interesse da imprensa em

difundir uma cultura – baseada nos discursos ideológicos e na polifonia das vozes presentes nos discursos empreendidos pelos diferentes sujeitos da história –.

Guerra (2005) afirma que a imprensa se materializou sob a égide da oligarquia burguesa nas diferentes épocas vividas pela sociedade. E que também, esta, esteve atrelada aos moldes políticos partidários e capitalista, ou seja, os jornais estavam fortemente imersos nas questões políticas – meio de discussão política partidária e posteriormente como uma empresa de negócios na qual predominava o comércio de anúncios –. Não obstante este destaque, faz ainda outro, quando se refere as notícias de cunho sensacionalista com a intenção de vender.

Pinheiro (2013) pontua o caráter partidário dos jornais ao analisar os jornais A Folha do Norte e o Província do Pará, ambos circulavam na capital do Pará.

Embora houvesse o caráter econômico e sensacionalista das imprensas ao longo dos tempos, é necessário convir que são instâncias discursivas capazes de formar opiniões e que não são imparciais como se possa pensar, pois por meio das notícias e diferentes matérias veiculadas em suas páginas, é possível estabelecer estereótipos, forjar identidade e veicular ideologias (PINHEIRO, p. 18, 2013).

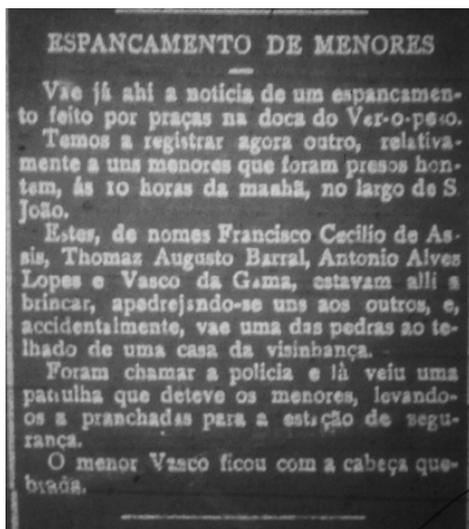
É importante salientar que em virtude do espaço nos deteremos em apenas três notícias veiculadas pelo Jornal Folha do Norte. Portanto, as peças trazidas para análise neste estudo são capazes de nos fazer perceber e compreender a materialidade dos discursos empreendidos pelo jornal em face da violência contra a criança na região, prática tão presente na história da infância universal, como bem pontua Loyde De Mause em seu livro História da Infância.

A história da infância é um pesadelo do qual recentemente começamos a despertar. Quanto mais atrás regressamos na História, mais reduzido o nível de cuidados com as crianças, maior a probabilidade de que houvessem sido assassinadas, aterrorizadas e abusadas sexualmente” (De Mause, 1975, p.15).

De Mause, retrata que a história da infância está permeada de práticas violentas no percurso da história da humanidade e sinaliza para as marcas que são deixadas trazendo muito sofrimento psíquico e afetivo. A violência física como prática disciplinadora, viola os direitos das crianças e adolescentes, como apontam os vários estudos dos pesquisadores.

A imagem 1 retrata a violência sofrida por um grupo de meninos em uma das praças da cidade de Belém. Esta notícia é reveladora das práticas e estratégias de disciplinamento que eram ministrados às crianças ditas incorrigíveis ou insubordinadas, bem como, revela a formação educativa dada as crianças brasileiras no período estudado sempre regido e submetidos cotidianamente a violência física e psicológica. Ainda hoje em nossa sociedade nos deparamos em muitas circunstâncias com tais discursos e práticas que ao invés de ajudar a educar, gera sentimento de inversão afetiva, o que o tornará um adulto violento também.

#### IMAGEM 1: Espancamento de menores

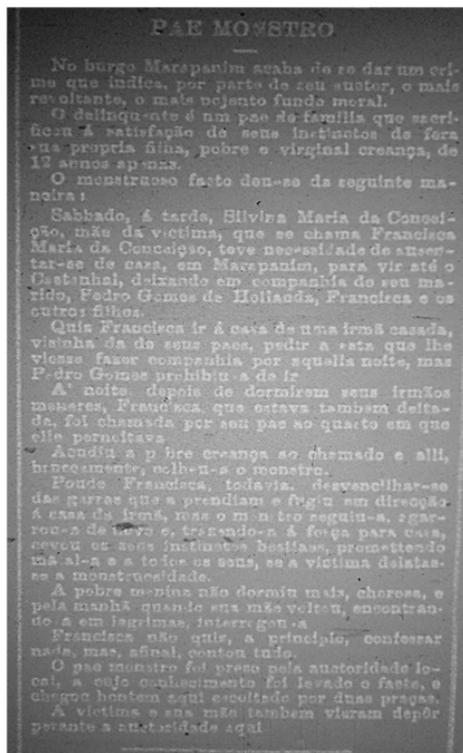


Fonte: jornal A Folha do Norte 15. 04. 1900

Rizzini (2011) declara que os discursos dos juristas eram ancorados sobre as altas taxas de criminalidade prevalentes no século XIX e XX sob a perspectiva de que se deixadas nas ruas as crianças pobres poderiam vir a ser contagiadas pelo vírus do crime e da violência latentes nas ruas e becos da cidade. Isso se dava por duas questões basicamente, primeiro pelo fato de estarem largadas a própria sorte e consequentemente sujeitas as más influências e consequente a degradação e propensão à vícios – pelo contato com os viciados – e segundo a incapacidade das famílias em cuidar e educar seus filhos.

Deste modo é possível compreender o discurso empregado pelo jornal acerca da violência afeita aos menores – levados à delegacia (posto policial) pelos agentes de segurança da cidade. Um discurso que implica a ação redentora do Estado e a negligência das famílias sob os cuidados com suas crianças.

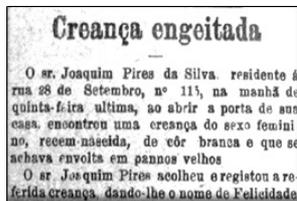
#### IMAGEM 2Pae Monstro



Fonte: jornal A Folha do Norte 26. 01. 1901

Esta notícia aponta a cruzeza de um pai no ato de violentar a própria filha. O jornal emprega neste caso um juízo de valor acerca do agressor e sobre a consequente vítima da violência pondo-a como frágil e indefesa, sujeita a crueldade e perversidade de um pai que se aproveitara da ausência da genitora da criança e de sua força e autoridade para praticar um ato cruel e libidinoso contra sua filha, *uma criança de apenas 12 anos* como descrito na notícia. Este fato demonstra o quanto as crianças e os adolescentes estão vulneráveis e expostos a situações de maus-tratos que envolvem o cotidiano de muitas famílias brasileiras e refletem também a relação de poder do adulto em relação à criança e ao adolescente.

### IMAGEM 3: Creança enjeitada



Fonte: jornal A Folha do Norte 31. 08. 1907

Outra notícia recorrente nos jornais da época, diz respeito ao abandono de crianças. Encontramos no Jornal a Folha do Norte, inúmeras peças que subsidiaram a discussão acerca da violência infantil, entre estas peças, estão as que tratam do abandono de crianças. Essas peças retratam uma forma cruel de violência contra a criança, pois revelam o desprezo por essa categoria de sujeitos, herança trazida de culturas outras em cuja a infância não era vista com as necessidades, que sabemos, são necessárias para um bom desenvolvimento. O abandono de crianças no Brasil ocorreu desde o período Colonial ao Império, onde havia alto índice de crianças abandonadas a própria sorte. Geralmente o destino da criança era ser encaminhada para as Casas da Roda ou Casa dos Expostos nas Santas Casas de Misericórdia.

Nesta notícia a criança que fora abandonada encontra alguém que a acolhe, contudo nem todas as crianças tinham a mesma sorte. Muitas, abandonadas nas ruas, sujeitas as intemperes da vida, tinham a vida, frágil, pela constituição física ainda em desenvolvimento e carente de atenção, ceifada.

As razões para o abandono, descreve, nascimento eram as mais diversas, uma delas era proteger a honra das famílias – ação que recorrentemente se dava por famílias que tinham filhas que ainda não haviam casado. Era também um modo de esperança para os escravos que acreditavam em ver seus filhos livres ao serem adotados e um outro aspecto estava relacionado as epidemias da épocas que dizimavam famílias, deixando os filhos órfãos.

Em todas as notícias trazidas é possível desvelar os discursos implícitos e a polifonia das vozes imersas nestes diálogos que perpassam o tempo e permite aos leitores emitir valores sobre a ação empregada pelos diferentes atores das tramas em destaque, pois o cunho ideológico é materializado histórico e culturalmente por meio das ações empreendidas por seus agentes permitindo que diferentes enunciados sejam referidos entre locutores e interlocutores que constroem esses discursos.

### REFLEXÕES CONCLUSIVAS

É sabido que a infância não é uma fase biológica da vida, mas deriva de uma construção social, cultural e histórica (LEITE, 1997). E os discursos empreendidos para a formação da criança, de suas infâncias estão na base social da linguagem humana. Premissa entendida por Bakhtin, como fundamental para a construção social do homem.

Sobre a situação da violência contra as crianças no Brasil se tem um vasto panorama conceitual. A violência é algo que perpassa toda a história humana e seus efeitos sobre as crianças são vistos ao longo do tempo e em longa escala, estudos como de Freitas (1997), Rizzini (2011), (2004), Del Priore (2000) e outros asseguram que houve um tempo de trevas para a infância, pois além das mazelas sociais derivadas das condições climáticas e da falta de políticas públicas de assistência social, há também os casos das violências imputadas pelos agentes que deveriam ser os sujeitos da proteção e da educação para a vida e para o desenvolvimento como nos apontou Guerra (2005) ao tratar da violência intrafamiliar contra crianças.

O contexto de desenvolvimento nacional delineou um novo horizonte para a infância, contudo fez-se "remendos em panos velhos", pois as mazelas sociais vividas nos anos anteriores à república, foram alargados com o crescimento populacional das capitais em desenvolvimento no país. Fato que acarretou um intenso fluxo de imigrantes e conseqüentemente uma infinidade de pestes e epidemias decorrente das péssimas condições de moradia e saneamento enfrentado pelas populações da época, sobretudo as camadas sociais mais baixas – que em sua maioria eram mais cruelmente afetadas haja vista não possuírem bens e recursos para a assistência médica.

A mortalidade infantil assumiu um quadro assustador na capital, pois sua constituição física aliada aos condicionantes sociais, culturais e políticos – haja vista as políticas de assistência a infância não atingirem demanda suficiente de crianças no Estado de forma a atender suas necessidades básicas – como água tratada e alimentação adequada.

As ações médico sanitária foram importantes e relevantes para a redução do quadro da mortalidade na capital, pois foi a partir das ações de educação e orientação às famílias que o quadro da mortalidade na região começou a decrescer como nos apontam os estudos de Viana e Alves (2016) acerca da demografia da mortalidade infantil na capital paraense.

A violência sobre a infância era recorrentemente noticiada no Jornal A Folha do Norte – Jornal de importante circulação na capital – e que atingiu um extenso público difundindo de diferentes maneiras as ideologias nacionalistas da época em questão.

O estudo se mostra importante para a compreensão da história da infância na região, pois revela que a história da infância se materializou nos contextos das violências perpetradas às crianças em seus espaços de desenvolvimento e que a segregação social, cultural, econômica e políticas tiveram ações diretas sobre tal desenvolvimento.

Os discursos presentes no Jornal revelam uma polifonia de vozes e uma gama de discursos, estes permeado de ideologias discursivas materializadas nas diferentes notícias empregadas nas imagens exposta neste estudo.

O estudo surge como provocação para a ampliação dos debates acerca da violência contra as crianças e suas infâncias na região amazônica, em especial na capital paraense, e sugere que novas investigações se façam, pois, conhecimento é construído na interlocução, no diálogo onde o sujeito se constrói, pois para Bakhtin o homem não pode ser explicado como fenômeno físico, mas deve ser compreendido por meio de suas ações o que se pode compreender por meio das experiências sígnicas deste. (FREITAS, 1994 p. 17, 18 e 28).

## REFERÊNCIAS

Anuário Estatístico de Belém. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. 1999

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC. 2006.

CHAUÍ, Marilena. Sobre a violência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DE MAUSE, Lloyd. Historia de la infancia. Madri: Alianza Universidad. 1994.

DEL PRIORE, M. (org.). **História das crianças no Brasil**, São Paulo: Contexto, 1999.

DEL PRIORE, M. (org.). **História das crianças no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2000.

FREITAS, Maria Teresa A. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. Campinas, SP: Papyrus, 1994)

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da S. **A educação e os cuidados com a criança (1915-1955): uma análise bakhtiniana dos discursos dos médicos do estado do Pará**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

KRAMER, Sônia. **A política da pré-escola no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Cortez. 2003.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagens. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 1997. p.17 - 50.

MIRANDA, Aristóteles Guilliod de. **A medicina no Estado do Pará, Brasil: dos primórdios à Faculdade de Medicina**. Rev. Pan- AmazSaude 2010; 1 (3): 11- 18. Disponível em: <[http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpas/v1n3/es\\_v1n3a02.pdf](http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpas/v1n3/es_v1n3a02.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2015.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789 – 1832)**. São Paulo: Annablume: FINEP, 2008.

PINHEIRO Wellington da Costa. **A infância nas páginas de jornal: discursos (re) produzidos pela imprensa paraense na primeira década do século XX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Programa de pós-Graduação em Educação, 2013.

PONTE, Carlos Fidelis. *O Sanitarismo e os projetos de nação*. In: PONTE, Carlos Fidelis et. Al. **O sanitário (re) descobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007. Disponível em: <[http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/na%20corda%20bamba/cap\\_3.pdf](http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/na%20corda%20bamba/cap_3.pdf)>. Acesso em: 29 mai. 2016

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIZZINI, Irene e PILOTTI, Francisco. (Orgs.). *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Cortez. 2011.

SARMENTO. M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R. (Org.) **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Martin, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TROTSKY, Leon. *Minha vida*. Trad. Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1969.

[1] Dissertação de mestrado defendida em 2013 em Belém do Pará (Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará) que trata da infância nas páginas de jornal.